

# A choradeira já virou uma rotina em Brasília

A rotina das reclamações contra os cortes no Orçamento Geral da União para 1989 prosseguia ontem, em Brasília:

— Eles são autoritários e desconhecem a realidade de Brasília —, queixava-se o governador do Distrito Federal, José Aparecido, convidado pelo presidente Sarney para o Ministério da Cultura.

José Aparecido levará uma carta ao ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, expondo sua insatisfação com a “garantia” de que será liberado apenas Cz\$ 1,3 bilhão dos Cz\$ 62 bilhões para o custeio da educação, saúde e segurança dos brasileiros.

Por sua vez, Carlos Bezerra, governador do Mato Grosso, manteve contatos ontem com o chefe do Gabinete Militar em Brasília, general Bayma Denys, para demonstrar sua preocupação com os efeitos dos cortes em seu estado, principalmente no que diz respeito ao programa Polono-

roeste, que este ano recebeu Cz\$ 12 bilhões do governo federal.

— As despesas com o Senado representam apenas 0,27% do orçamento da União, enquanto o governo gasta 28,7% só com o pagamento de juros por seus erros. Só é preciso uma breve comparação para saber que o responsável pelo déficit público não é o Legislativo — foi a crítica do senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA), primeiro-secretário do Senado.

Jutahy considerou precipitada e arbitrária a forma como foi anunciado o corte nos gastos da Casa e disse que o Senado não vai aceitar “essa intromissão indevida” do Executivo no Legislativo.

Segundo ele, o Senado não se posiciona totalmente contra o corte de despesas, mas desde que a questão seja amplamente discutida com antecedência entre os dois poderes.